

Bestseller do New York Times

REDE DE SEGREDOS



CHANDLER BAKER





*A todas as mulheres que partilharam
as suas histórias comigo ou com o mundo,
e a todas as que inflamaram a voz coletiva
que vive nestas páginas, bem como um movimento
que exige ser testemunhado. Nós escutamos.*

PRÓLOGO



Se nos tivessem, ao menos, ouvido, nada disto teria acontecido.

Relatos de Testemunhas Oculares

12 DE ABRIL

- Testemunha 1: Tinha acabado de sair quando vi um clarão de... não sei... qualquer coisa, um movimento, acho eu, no outro lado da praça, e, primeiro, pensei que era um pássaro gigante, depois, que era alguma espécie de bomba terrorista. Uma fração de segundo depois, percebi que era uma pessoa. Não distingui se era um homem ou uma mulher. As pessoas nesta zona são muito da velha-guarda. Ainda andam de fato. Tradicionalistas. Calças pretas e *blazers*. De qualquer maneira, ainda é uma grande queda, desde lá de cima.
- Testemunha 2: Foi por volta da uma e meia da tarde. Estava mesmo a sair do meu almoço com um cliente, no Dakota's. Quase vomitei o bife com salada.
- Testemunha 3: Não estou a dizer que não tenho pena. Tenho. É horrível. Mas também é preciso ser-se bastante egoísta para se fazer uma coisa destas, não é? Havia gente na rua. Foi mesmo depois da hora do almoço. Uma pessoa, se quer mesmo fazer isto, devia fazer noutra hora qualquer, sem tanta gente à volta. É só isso que estou a dizer.

CAPÍTULO UM



Três Semanas Antes: O Dia em que Começou

20 DE MARÇO

Antes daquele dia, as nossas vidas moviam-se como numa montanha-russa, uma carruagem presa aos carris por artes de engenharia e forças que não entendemos totalmente, apesar da nossa superabundância de formação académica. Movíamos-nos com uma sensação de caos controlado.

Éramos entendidas em marcas de champô seco. Levávamos quatro dias a ver um episódio gravado do *The Bachelor*. Adormecíamos com o calor dos portáteis a queimar-nos as coxas. Fazíamos pausas de duas horas para ler histórias de embalar aos nossos filhos e tentávamos não calcular o número de horas passadas a trabalhar como mães e como funcionárias, confusas quanto às nossas prioridades. Éramos sobrequalificadas e subaproveitadas, éramos mandonas e tínhamos sempre razão. Tínhamos apertos de mão firmes e saldos robustos nos cartões de crédito. Esquecíamos-nos dos nossos almoços em cima de bancadas de cozinha.

Todos os dias eram iguais. Até deixarem de o ser. Na manhã em que o nosso CEO morreu, olhámos em volta e, de repente, percebemos que a montanha-russa tinha uma engrenagem avariada, e estávamos prestes a ser projetadas dos carris.

Ardie Valdez — uma pessoa paciente, estoica, com sapatos italianos práticos e de bom fabrico — foi a primeira a pressentir o desastre que se avizinhava. Ouviu a notícia e decidiu proteger-se.

— Grace?

Estava parada no corredor — árido, mas com arte de preço exorbitante —, e bateu a uma porta de roupeiro simples com o íman de uma vaca colado na frente.

— Sou eu, a Ardie. Posso entrar?

Esperou, à escuta, até ouvir o ruído de um movimento do outro lado da porta. O trinco obrigatório por lei abriu-se.

Ardie baixou-se para entrar na pequena divisão, e trancou a porta atrás de si. Grace estava já a instalar-se no sofá de pele, com a blusa de seda erguida sobre dois cones de plástico ajustados aos seios.

Ardie olhou em volta da sala. Um mini frigorífico. O sofá gasto onde Grace estava sentada. Um pequeno aparelho de televisão onde passava *Ellen*. Do outro lado da porta, ouvia-se vozes, passos rápidos, telefones a serem atendidos e fotocópias a serem tiradas. Franziu o sobrolho, numa expressão de aprovação.

— É como se fosse um pequeno esconderijo.

Grace tocou no botão da bomba de extração de leite, que começou o seu zumbido metódico, mecânico.

— Ou um pequeno túmulo — replicou vivamente.

O sentido de humor negro de Grace sempre conseguira apanhar Ardie desprevenida. Por fora, Grace parecia tão *descomplicada*. Usava o cabelo ripado e pintado de louro, era um membro ativo do Clube de Ex-Alunas TriDelta, e frequentava a Igreja Presbiteriana de Preston Hollow com Liam, o marido alto, moreno e amante de camisas aos quadrados. Tinham estado ambos na lista de convidados pessoais da inauguração da Biblioteca Presidencial George W. Bush, e identificavam-se como «conservadores compassivos», julgando Ardie significar isso que eles desejavam que os *gays* se pudessem casar, mas preferiam pagar o mínimo de impostos possível. Além disso,

possuíam pelo menos um revólver num cofre que guardavam numa prateleira de acessórios no quarto de vestir de Grace, e o facto de Ardie gostar dela, apesar de tudo, tinha de significar alguma coisa.

— Quanto é que os bebés têm de comer, já agora? Eu estou *sempre* a extrair leite. Quer dizer, porra, Ardie, olha só para mim. Estou a ver a *Ellen* durante o dia.

Grace não costumava dizer «porra».

Ardie lembrava-se de como lhe tinham parecido compridos os dias em que o seu filho, Michael, dormia apenas poucas horas de cada vez. Todo o seu corpo lhe parecera pesado e sujo, como se tivesse uma fina camada de porcarias por todo o corpo, como dentes não escovados.

Vasculhou no seu saco de pano e retirou duas latas transpiradas de *La Croix*. Passou uma a Grace e sentou-se no chão à frente do sofá. Ardie podia fazer coisas como sentar-se no chão no trabalho, porque — e ela seria a primeira a admitir isto — optara por não querer saber. Há anos, na verdade. Deixava-se ficar a dormir até à última da hora, em vez de passar mais uma hora de manhã a tratar do cabelo e da maquilhagem. Quase nunca ia às compras. Não gastava um minuto do seu tempo precioso no Pilates. Era a coisa mais libertadora que alguma vez tinha feito.

Baixou o olhar para o telefone. *Ainda* nada.

— Olha, parece que o Bankole morreu — disse Ardie. — Em casa, esta manhã, quando se estava a preparar para vir trabalhar. — Deu a notícia como se não fosse nada de especial. Ardie não conhecia outra forma de dar notícias. Era sempre qualquer coisa como *A minha mãe tem cancro*, ou *Eu e o Tony vamos divorciar*.

— O quê? *Como?* — Grace largou os tubos que estava ocupada a tentar reinserir nas enghocas em forma de funil enfiadas no seu sutiã de amamentação.

— Teve um ataque cardíaco. A mulher encontrou-o na casa de banho. — Ardie apoiou os cotovelos sobre os joelhos, a olhar para Grace. — Acabei de saber.

Ardie só tinha visto o CEO da empresa, Desmond Bankole, uma vez, um aperto de mão no elevador, porque ele fazia questão de falar com cada pessoa que trabalhava no seu edifício, pelo menos uma vez, até com o pessoal da limpeza. Tinha uns dentes muito brancos. E era mais baixo do que ela imaginara, com pulsos de passarinho a espreitar das mangas do casaco do fato.

— Estou a esconder-me, já agora — continuou Ardie. E, antes que Grace pudesse responder, acrescentou: — Do Ames. Não pára de me perguntar pela Sloane. Eu disse-lhe que devia ter saído para o almoço. Ele disse que não lhe tinha dado autorização para ela sair para almoçar hoje. Respondi-lhe que a Sloane é a vice-presidente do departamento Jurídico para a América do Norte e que não precisa da autorização dele para sair para almoçar, e...

— Disseste-lhe isso? — Grace endireitou-se. Sloane era amiga delas, mas também, tecnicamente, sua chefe, o que fazia de Ames o chefe da sua chefe.

— Claro que não lhe disse isso. Estás louca?

— Ah! — tranquilizou-se Grace, a pestanejar. Brincou com a pequena cruz de diamante pendurada no seu colar. O zumbido elétrico da bomba de extração preencheu o espaço entre as duas mulheres.

— Por isso estou aqui escondida como uma cobarde — concluiu Ardie. — À espera de que a Sloane me mande voltar. — Em regra, homens como o Ames não gostavam de Ardie. Ele detestava ter de ouvir alguém para quem não gostava de olhar. Quando lhe perguntara onde estava Sloane, os seus olhos tinham-se desviado para quaisquer pontos acima ou ao lado dela, e afastara-se assim que pudera. Mas ela não mencionou esta parte a Grace.

Ardie estremeceu, incomodada. Era impossível ignorar os seios de Grace naquela pequena divisão.

— Ficam tão sugados que parecem torpedos. Isso não dói? — O filho de Ardie, Michael, tinha sido adotado quase quatro anos antes, um final feliz para anos de luta contra a infertilidade. Ela nunca amamentara, mas sempre imaginara uma sucção serena,

o ambicionado contacto pele com pele, um lenço solto a ocultar as que eram demasiado modestas. Não aquela violenta sucção que estava agora a testemunhar tão de perto.

— Não tanto como a boca da Emma Kate, para ser sincera. — (A amamentação devia ser indolor, diziam-nos. A amamentação era *linda*, diziam. Bem, nós gostávamos de lhes arrastar os mamilos pelo asfalto, para verem como era indolor e linda.)

— Caramba, já inventámos as escovas de dentes inteligentes — comentou Ardie. — O meu aspirador robótico sabe encontrar a base dele e pôr-se a dormir ao final da noite, e não conseguimos inventar nenhuma bugiganga para extrair o leite que funcione melhor do que *isso*? — A máquina era grotescamente hipnotizante.

— Os homens têm unhas para isso. — Grace ergueu as sobrancelhas. — E palco.

Ardie bebeu um longo gole de água gaseificada com sabor a uva enquanto, no ecrã, Ellen DeGeneres recebia um jovem no palco. Parecia um adolescente, e Ardie não fazia a mínima ideia de quem era. Tocou novamente no ecrã do telefone: nada de novo.

— Acabou de me ocorrer uma coisa assustadora — disse, passado um momento. — O Ames pode vir a ser o próximo CEO.

— Não. Achas?

— Ele tem ar de CEO. É alto. As pessoas gostam de altos. — Ardie cerrou e descerrou o punho, a esticar o túnel cárpico que era uma constante ameaça para o seu pulso. — Estou-te a dizer — continuou. — Aquele filho da mãe podia ficar a gerir esta empresa, e depois, o que é que ia ser de nós?

Não eram só os boatos em torno de uma estagiária. Nem o que tinha acontecido com a assistente executiva dele, dois anos antes, no torneio de golfe Byron Nelson, no seguimento do qual, adivinhem quem é que tinha sido despedida? Alerta de desmancha-prazeres: não foi o Ames. Nem era sequer a ideia de que a cultura empresarial começava pelo topo, nem que uma Truviv com Ames ao leme seria como anunciar aberta a época da caça.

Era o facto de Ames Garrett detestar Ardie.

— Não sei — respondeu Grace. — Ele sempre foi simpático comigo.

Ardie não quis discutir. Grace era alguns anos mais nova do que Ardie e Sloane e ainda se agarrava à ilusão de alguém poder ser «uma boa pessoa», apesar das suas ações, como se não fossem precisamente as ações o indicador da personalidade desse alguém. E Ardie já vira Ames Garrett em ação.

Ainda assim, havia assuntos de que não se falava, mesmo entre amigas — religião, dinheiro e, talvez, Ames.

Grace girou o botão da bomba para aumentar a intensidade. Um dos tubos soltou-se e caiu no chão. Uma gota branca caiu para a saia de Grace. Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, as narinas a dilatarem-se. Quando os abriu, estavam a brilhar. Ela esfregou o nariz com o pulso e apanhou o tubo errante com deliberação calma. Falhou o buraco duas vezes quando tentou reconectar as ligações. À terceira tentativa, conseguiu. Recostou-se de novo no sofá, cautelosa.

— Mas isto do Bankole é mesmo deprimente. — Fixou o olhar vidrado no ecrã de televisão. — Será mau não estarmos mais tristes?

Ardie não respondeu, porque Grace, na verdade, parecia bastante triste.

Voltou a consultar o telefone. Uma única barra de rede.

Onde raio se metera Sloane?

CAPÍTULO DOIS



20 DE MARÇO

Sloane olhava fixamente o teto de um elevador, só a desejar que andasse mais depressa, até à fração de segundo em que as portas se abriram no piso quinze, momento em que se precipitou para fora como um cavalo de corrida.

— Estão todos na sala de conferências... — A sua secretária, Beatrice, espreitou do seu vestíbulo, a puxar o fio do telefone que tinha encostado à orelha.

— Eu sei, Beatrice. Eu sei. — Sloane passou por ela como um furação. — E já estou completamente lixada.

Na verdade, tudo estava *bem* ainda umas horas antes, quando ela e o marido se tinham reunido com o diretor da escola de Abigail, a sua filha de dez anos. Guardara responsabilmente o telefone dentro do aterro que era a sua mala, porque era uma boa mãe, o que, naquele sítio, significava uma mãe *não-distraída*. Ou, pelo menos, fora esse o papel que tencionara desempenhar à frente do diretor Clark.

E agora isto!

Pegara no telemóvel no final da reunião e encontrara as mensagens de Ardie:

O Desmond bateu a bota esta manhã.

Ataque cardíaco.

O Ames anda à tua procura.

Ok, agora a sério, onde estás??

Sloane??

Nem tinha tido tempo de dizer adeus ao marido.

Por fim, chegou à porta da sala de conferências norte, com o coração a bater com tanta força que temeu ter, também ela, um ataque cardíaco. Primeira causa de morte de mulheres acima dos quarenta! Ouvira isso em qualquer lado. Talvez no *The View*. Rodou a maçaneta para entrar.

Sete advogados, ao nível dos diretores e acima deles, estavam sentados em volta da mesa. Ames — diretor-geral. Kunal, das Comunicações, Mark, do Emprego, Ardie, dos Assuntos Fiscais, Philip cobria o Risco, Joe, a Litigação, e Grace era diretora de Conformidade. Mais outra mulher mais nova com o cabelo castanho muito curto e bochechas de Branca de Neve que Sloane não conhecia. Todos os rostos na sala se viraram para ver Sloane entrar.

— Peço desculpa pelo atraso. — Instalou-se na cadeira vazia ao lado de Ames. A mulher com o cabelo curto sorriu-lhe educadamente.

Ames ergueu o olhar de uma pilha de papéis. Uma risca branca ondulada percorria-lhe o denso cabelo cor de café, salpicado de uns fios prateados que tinham começado a ganhar raízes por cima das orelhas.

— Onde é que estavas?

— Eu... — Sloane fez uma pausa por uma fração de segundo, a ponderar em como deveria terminar a frase. (Todas fazíamos isto. Quer estivéssemos num encontro, quer no escritório, percebíamos o poder de fingir que os nossos filhos não existiam. Um homem podia dizer que queria tirar o dia para ir pescar com o filho, enquanto para uma mãe era normalmente melhor ocultar o facto de ter prolongado

a sua hora de almoço para poder levar uma criança ao médico. Os filhos transformavam os pais em heróis e as mães em funcionárias piores, se não jogássemos as cartas certas.) — Tive de sair por breves momentos. — Ela pigarreou.

— Sem o telemóvel? — Ames lambeu a ponta do dedo para virar melhor as páginas. Corpos mudaram de posição em volta da mesa, pouco à vontade.

— Estive momentaneamente fora de contacto, sim — respondeu. — Rede fraca. — Não era uma grande desculpa, no seu mundo.

Ames fez um ruído intraduzível e passou o rebuçado de canela de uma bochecha para a outra.

Sloane ficou a olhar para ele, resistindo ao impulso de encarar os sete pares de olhos fixos nela em volta da sala.

Depois, Ames piscou o olho. Sempre o olho esquerdo. Os delicados pés-de-galinha a ramificarem-se rapidamente até à têtora. Era um dos únicos homens que ela conhecia que ainda usava as piscadelas de olho. Podia fazê-lo, na verdade. Dizia ao mesmo tempo: *Está tudo bem*, mas também: *Quem manda sou eu*.

Ele virou as palmas abertas para o resto da sala:

— Sloane Glover, pessoal. — Como se estivesse a anunciar a entrada de um comediante em palco. Sloane irritou-se, embora o seu rosto permanecesse plácido. Trabalhar com Ames era como estar sentada ao lado de alguém que estava constantemente a dar-nos pontapés nas canelas por baixo da mesa. — Ainda bem que podemos finalmente começar. Vamos a isto?

Seguiram-se desconfortáveis acenos de cabeça. Sentado ao lado dela, Philip deslizou o seu bloco e caneta para a frente do lugar de Sloane. Ela pressionou uma mão no ponto entre as costelas e respirou fundo. *Obrigada*, gesticulou mudamente com a boca, e Philip, cuja gravata estava sempre torta, limitou-se a encolher os ombros. Se todos os homens no escritório fossem um pouco mais como o Philip.

— Presumo que, por esta altura, já todos saibam do infeliz falecimento do nosso CEO, o Desmond Bankole — começou o Ames

por dizer. — O serviço fúnebre será anunciado nos próximos dias. Tenho a certeza de que não estou enganado ao calcular que vou ver muitos de vocês no funeral.

Enquanto o Ames ia falando sobre os feitos de Bankole, Sloane descarregou da caneta para o papel os planos de ação que estivera a formular no caminho de volta ao escritório.

Ames lançou-lhe um olhar.

Ela pousou a caneta.

— Vamos tentar manter-nos todos na mesma onda, sim? — Cruzou as mãos sobre a mesa. — Pedi à Grace para começar por nos pôr a par de quaisquer obrigações legais da Truviv como empresa pública. Grace?

Grace endireitou-se. Sloane perguntava-se muitas vezes se o seu rosto sofria o mesmo processo transformativo quando *ela* tinha de ter um ar de autoridade a propósito de algum assunto no trabalho. Sabia que, quando andava pelos vinte anos, sim, isso acontecera. Nessa altura, sentia-se a envergar a máscara da confiança, baixando a voz, removendo os «tipo» do seu discurso, imobilizando o joelho, lembrando-se de que, sim, ela *era* uma pessoa qualificada. Os sinais denunciadores de Grace eram mais subtis. Um endireitar dos ombros. Sloane — como a maior parte de nós — raramente detetava estes minúsculos sinais nos colegas masculinos. Seria porque não existiam? Ou porque não nos conseguimos sintonizar o suficiente para os vermos?

— Com certeza — disse Grace, e lançou-se numa explicação sobre a Comissão de Valores Mobiliários, sobre as comunicações a fazer e a atualização do *site* da empresa. Na ausência inesperada de um CEO, a transparência, explicou Grace, era fundamental.

— Vou pôr a circular um memorando que seja mais fácil de digerir — concluiu.

— E estamos a trabalhar num comunicado para a imprensa. — Kunal espetou um dedo, tocando com ele na mesa para dar ênfase. — Até ele estar disponível, por favor, respondam a quaisquer chamadas

da comunicação social, dizendo que estamos muito tristes pelo desaparecimento do Desmond, tanto em termos pessoais como profissionais. — Os seus grandes olhos castanhos percorreram cada um dos rostos na sala. — Não respondam com as palavras «Não comento», por nada deste mundo. Os acionistas detestam o «não comento». Compreendido? Vamos apontar para um comunicado pronto amanhã de manhã. Parece-te bem assim, Sloane?

Sloane recostou-se na cadeira.

— Parece-me exequível — disse num tom decidido. Os homens podiam dar-se ao luxo de não se comprometerem. Soava ponderado. Se Sloane fizesse o mesmo parecia que ela não sabia o que raio andava a fazer. — Precisamos de dar ênfase ao plano de sucessão da empresa e de olhar para exemplos recentes de companhias que lidaram particularmente bem com a morte ou a doença de um CEO. Estou a lembrar-me, por exemplo, do Mc...

— Por acaso — interrompeu-a Ames. Os dedos dos pés de Sloane contraíram-se instintivamente. — Acho que devíamos estudar o caso da McDonald's. Eles tiveram uma situação semelhante. Dois CEO morreram em dois anos. O primeiro teve morte súbita. E na Imation também. Eu prestaria atenção a esses dois exemplos, Kunal.

Sloane absorveu uma onda de frustração. Já usara todas as possíveis reações, neste ponto da sua carreira. A sua favorita era um educado «Interessante, é mesmo o que eu ia dizer», com o seu melhor sotaque sulista. Mas, desta vez, respondeu simplesmente:

— *Ótima* ideia, Ames.

Este esfregou as mãos, satisfeito.

— Muito bem, já todos temos as nossas ordens de marcha. A porta do meu gabinete está sempre aberta, se precisarem de alguma coisa.

Levantaram-se para sair. Sloane fechou a caneta com um clique. Manchas de tinta salpicavam-lhe o interior do dedo médio da mão direita. Ardie e Grace, que tinham estado sentadas lado a lado na sua frente, apanharam-na à saída.

— Lamento — sussurrou Ardie, debruçando-se sobre ela, enquanto abanava lentamente a cabeça.

Grace comprimiu os lábios e apertou-lhe rapidamente a mão. Sloane reparou numa nódoa de humidade na frente da blusa de seda de Grace, e, sem precisar de pensar, soube que a nódoa não ia sair. Era inútil usar qualquer tipo de seda, enquanto se amamentava. Teria de o dizer a Grace.

— Katherine. — Ames ergueu um dedo, dirigindo-se à mulher nova, que ainda se deixara ficar na sala, enquanto todos os outros iam saindo. — Podes esperar aqui um momento. Só tenho de ir buscar o rascunho do anúncio à minha secretária para a Sloane. — Olhou para Sloane. — Não te importas de passar pelo meu gabinete, pois não?

A porta do gabinete de Ames não estava, como ele tinha dito, sempre aberta. Nem em sentido literal, nem figurado. Sloane seguira-o, enquanto ele caminhava dois passos à sua frente pelo corredor estreito.

Ele abriu a porta do escritório, e entraram juntos n'O Santuário — uma galeria de Ames com atletas famosos. A *Truviv*, Inc. era a principal marca de roupa desportiva do mundo, patrocinando os maiores atletas do país. Ali estava ele a jogar golfe com Tiger Woods. Agora, ali estava ele sentado junto ao campo com um Kevin Durant lesionado. Depois — vejam! — mais uma fotografia descontraída a jogar com Justin Verlander e a mulher, Kate Upton. Se Ames compreendia que os homens e mulheres naquela parede podiam ser seus amigos unicamente porque era a Truviv que assinava uma grande porção dos seus cheques de patrocinadores, não se importava com isso. Fosse como fosse, Sloane considerava O Santuário o equivalente quase socialmente aceitável da foto da piça¹.

¹ *dick pic*, no original. (*N. do R.*)

— Bom — começou ele, virando-se para se apoiar na secretária. Era um homem de meia-idade que sabia vestir um fato de antracite, e conseguia ir melhorando com a idade. Pelo menos, isto era o que Sloane sabia objetivamente ser verdade, embora ela própria já tivesse dificuldade em reconhecer o bom aspeto dele. Esse tornara-se apenas mais um facto a respeito de Ames em que ela já não acreditava. — O Desmond morreu. — Espetou os polegares sobre as pálpebras e esfregou-as. — Aí está uma coisa de que não estava nada à espera.

— Eu... sim, lamento muito. — Sloane permitiu-se entrar mais no interior da sala. Desde que ouvira a notícia, era a primeira vez que relacionava mentalmente a morte do CEO com a necessidade de dar condolências. Era terrível. Ele tinha filhos, dois, segundo julgava, apenas um pouco mais velhos do que Abigail. Planeava processar o seu falecimento, naquela noite, com o marido, Derek, e um copo de vinho na mão... o melhor *Chardonnay* que o seu frigorífico tivesse para oferecer. Recordaria Desmond pelo seu rosto atento quando se sentava na primeira cadeira no lado esquerdo da mesa de conferências, a ouvi-la fazer as suas apresentações trimestrais aos executivos da empresa.

— Lembras-te de que ele te chamava sempre menina Sloane? — Ames cruzou os braços. Os seus ombros oscilaram com uma gargalhada tranquila e bem-humorada. — Como se fosses uma professora do pré-escolar?

A memória desencadeou um vago sorriso.

— Sim, céus. Não me incomodava, na verdade. Vindo dele.

— Ele gostava de ti. — Ames ergueu-se da mesa e deu a volta para o outro lado, onde começou a escrever no teclado sem se sentar. Ela esperou uns momentos, sem saber quanta atenção era exigida para o que quer que ele estivesse a fazer ao computador.

— Desculpa estar a mudar de assunto, mas quem era aquela mulher? — perguntou Sloane. — A Katherine, certo?

Ele abriu uma gaveta, tirou dois rebuçados de canela — uma compensação oral para tolher o seu vício do fumo — e enfiou-os na boca.

— Chama-se Katherine Bell. Depois, apresento-vos. Escapou-me, com tudo o que está a acontecer. Só um segundo, por favor. — Carregou em mais umas teclas e depois voltou a olhar para Sloane.

Ela tinha a ideia de que por vezes Ames sofria um pouco de amnésia seletiva, no que dizia respeito aos primeiros anos de ambos na empresa. Outras vezes, parecia ser a única coisa que ele recordava dela. Nesse dia, estava claramente a apetecer-lhe fingir que a história não existia.

— É nossa nova colaboradora — disse. — Montes de experiência empresarial. Vai trabalhar na tua secção. Acho que vais achá-la um ativo extremamente valioso para a tua equipa.

Sloane inclinou a cabeça na direção de Ames, como se não tivesse ouvido bem.

— Na minha secção? — repetiu ela em jeito de pergunta.

— Isso mesmo.

— E não te ocorreu consultares-me sobre a contratação de alguém novo para a minha secção? — A voz dela soava demasiado aguda. *Estridente*, poderia ele dizer. — Eu sou a vice-presidente daquela secção.

Havia anos que Ames não lhe fazia uma coisas daquelas — anos! E Sloane quase deitou tudo a perder, todos aqueles meses consecutivos a manter a calma, a lidar com Ames e as suas tretas monumentais, com uma súbita explosão de pura fúria.

Ames voltou a debruçar-se sobre o seu monitor.

— E eu sou o diretor do departamento Jurídico — replicou. — Vamos agora trocar currículos?

Sloane já se sentia a rever aquela conversa à noite, ao espelho, enquanto estivesse a lavar os dentes, a desejar que tivesse corrido de maneira diferente.

— Onde vai ser o gabinete dela? — Mudou de tática.

— Calculei que pudesses tratar disso tudo. Afinal de contas — ele fez-lhe um sorriso desarmante, e o seu queixo formou uma covinha —, és a vice-presidente.

— Certo. — Ela respirou fundo e tentou relativizar. Não que pudessem deixar eternamente à espera na sala de conferências uma advogada, mesmo que Sloane não a tivesse pedido. Apoiou o seu bloco de notas no antebraço e acrescentou à sua lista de tarefas, mesmo no topo: *Arranjar um gabinete para a Katherine*. Que dia tão infeliz para se começar. E não parecia ela tão jovem, a pele tão bem *hidratada*? A palavra «ingénua» veio-lhe à mente, embora isso fosse ridículo. A mulher tinha de ter pelo menos trinta anos, mais do que Sloane quando começara ali a trabalhar.

Sloane virou-se para sair, esquecendo-se por um momento da razão por que ali fora.

— Sloane. O rascunho. — Ames decidira finalmente sentar-se e estava a clicar em qualquer coisa que ela não conseguia ver porque o seu ecrã estava inclinado. Ele acenou com a cabeça para o caderno na sua secretária. — Já escrevi aqui algumas coisas. Quero ver como fica antes de sair.

Sloane dirigiu-se para a secretária dele. Havia uma tesoura aberta sobre o bloco. As suas lâminas prateadas desenhavam um violento X sobre as páginas amarelas. Ela sentiu a falta de sono, a pilha de contas por abrir e a fúria. Os seus dedos pairaram sobre o metal frio. Por vezes, quando se encontrava em locais muito altos, Sloane temia ser colhida pelo impulso de saltar e dar consigo a cair de um prédio abaixo. Todas compreendíamos aquela sensação, compreendíamos como, com um pequeno movimento dos dedos, Sloane — ou qualquer uma de nós — podia agarrar na tesoura e cortar a artéria do pescoço de Ames.

Ela pegou no bloco, com as pontas dos dedos a colarem-se às páginas com uma leve transpiração.

— Trago-te isto dentro de uma hora — disse, com uma nota falsa a insinuar-se na voz, enquanto escapava do gabinete de Ames Garrett, não pela primeira vez.

Transcrição de Depoimento

26 DE ABRIL

- Sr.^a Sharpe: Diga o seu nome, por favor.
- Inquirida 1: Sloane Glover.
- Sr.^a Sharpe: Qual é a sua profissão, Sr.^a Glover?
- Inquirida 1: Trabalho como advogada na Truviv. O meu cargo é de Vice-Presidente Principal dos Assuntos Legais para a América do Norte.
- Sr.^a Sharpe: Há quanto tempo trabalha na Truviv?
- Inquirida 1: Há uns treze anos.
- Sr.^a Sharpe: Um período considerável. Mais de metade das pessoas fica no mesmo emprego, suponho. O que é que a manteve na Truviv durante tantos anos?
- Inquirida 1: Atingi uma posição altamente cobiçada. Os trabalhos na sede, em especial, os mais bem pagos, são difíceis. A Truviv é um nome conhecido. A maior parte das pessoas era capaz de matar... desculpe, não queria dizer... há montes de pessoas que desejariam ter o meu emprego.
- Sr.^a Sharpe: E como conheceu Ames Garrett?
- Inquirida 1: O Ames fazia parte do grupo de pessoas que me entrevistaram quando vim da Jaxon Brockwell, por isso, suponho que nos conhecemos nessa altura.
- Sr.^a Sharpe: Trabalhava de perto com o Sr. Garrett?
- Inquirida 1: Só depois de colaborarmos na alienação de uma marca filiada, suponho. Na altura, ele já estava na empresa há uns cinco anos, creio. O Ames ficou a coordenar a organização dos documentos que deviam ser enviados para o departamento Jurídico da outra empresa, e eu estava a assisti-lo.
- Sr.^a Sharpe: E como caracterizaria a vossa relação nesse tempo?

- Inquirida 1: Era boa.
- Sr.ª Sharpe: O que quer dizer com «boa», Sr.ª Glover?
- Inquirida 1: Eu achava o Ames inteligente e ambicioso. Ele ensinou-me muito sobre a gestão de um processo de venda. Demo-nos bem.
- Sr.ª Sharpe: Compreendo. E em que momento é que começaram a ter um caso amoroso?

REDE DE SEGREDOS

ESCOLHA DO CLUBE DE LEITURA DA REESE WHITERSPOON

ESCOLHA DO EDITOR DA AMAZON

ESCOLHA DA OPRAH'S MAGAZINE

Sloane, Ardie, Grace e Rosalita trabalham, há anos, na Truviv, Inc. As quatro sempre se ajudaram, passando por promoções empolgantes, reuniões intermináveis, casamento, maternidade, divórcio e os desafios impostos pela política do escritório. Também têm os seus segredos.

A morte repentina do CEO da empresa significa que o seu chefe, Ames, vai ser promovido. Cada uma delas tem uma relação diferente com Ames Barrett, que sempre foi alvo de boatos sobre a forma como trata as mulheres. Até agora, todos os rumores foram ignorados, e até escondidos, por aqueles que estavam em posição de fazer algo a esse respeito.

Mas o mundo está a mudar e as quatro mulheres veem a nova situação com outros olhos. Quando descobrem que Ames se comporta de forma estranha com uma colega, decidem não ignorar o que se passa. Já viram o suficiente e, desta vez, não ficarão caladas. Essa decisão provoca uma mudança catastrófica no escritório, e as suas vidas — como mulheres, colegas, mães, esposas, amigas e até adversárias — estão prestes a mudar drasticamente.

**Mentiras serão reveladas.
Segredos serão expostos.
E nem todos sobreviverão.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt
 penguinlivros
 sumadeletrasportugal

ISBN 9789897846007



9 789897 846007 >